

GINGA

INOVAR PARA TRANSFORMAR

MANUAL PEDAGÓGICO: AUDIOVISUAL, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS



Realização



Patrocínio

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa





Vanessa Barbosa

"Nunca permita que a imaginação limitada dos outros limite você."

Mae Jemison

Sumário

1. Carta a nós, Humanidades
2. Apresentação
 - 2.1 Cinema Nosso: Conectando experiências, transmitindo “outras/nossas” narrativas
 - 2.2 Projeto Ginga
 - 2.3 Guia dos ícones
3. Na rota das vozes, das giras e das gingas
4. Mapa: Na rota das vozes, das giras e das gingas
5. Palavras, linguagem do vivido
6. Documentários
 - 6.1 Maestro D’Paula
 - 6.2 M.A.S Maria Anônima da Silva
 - 6.3 Afinal, quem é o diabo?
 - 6.4 Rodovia Amaral Peixoto
 - 6.5 F.R.A.G.M.E.N.T.O.S
 - 6.6 Marcos Yamazaki
 - 6.7 Sob mesmo sol
 - 6.8 O grão de café
 - 6.9 Pedra bonita
7. Nossas vozes, nossos direitos
8. Alimentando conversas: A fome no país do Agro
9. Jogos e educação
 - 9.1 Nia, a jornada de uma jovem negra
 - 9.2 Canindé: o poder do papel
 - 9.3 A brandura da cara dura
 - 9.4 Vamos fazer um jogo?
10. Referências

Carta A NÓS, HUMANIDADES

E eu não sou mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

(Sojourner Truth,
1851)

Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós.

(Frantz Fanon, 1952)



Aula inaugural da turma de Cinema e Direitos Humanos de Duque de Caxias - 23 de julho de 2022

Parece descomunal recorrer a uma carta para comunicar-se, trocar ideias e/ou anunciar-se no presente diante da espantosa pressa tecnológica. Recorrer a esse método, um tanto pitoresco para alguns, tem na ação a relação íntima com as memórias e significados, um diálogo permanente com o que constitui cada palavra. Enquanto os traços vão sendo cuidadosamente pensados, entrecruzamos nossas narrativas/histórias ao escrito, enxergamos a face das nossas vivências no papel, como parte do processo de existir. E no movimento da consciência e na intersubjetividade de anunciar-se único em meio ao plural que faz o NÓS-coletivo, construímos nossas humanidades como possibilidades de existir-ser.

As palavras podem ser rememoradas e mobilizadas de diversas formas a partir de como são gestadas nas/das conversas. Comunicam até mesmo quando se ausentam e faz do silêncio a força de transcender a verbalização e permanecer nos pensamentos. Em gestos e expressões, também vão descrevendo a sua intrínseca capacidade de entrelaçar-se com o corpo, pois o pensar não pode ser dissociado do sentir. Por vezes, ainda são tomadas como universais, sem o devido cuidado de descrição das realidades locais em que foram agenciadas. E assim, vão reproduzindo o gosto da palavra oca de quem as profere sem se sentir representado, embora não deixe questionar as intencionalidades de seus usos e até mesmo abusos.

Paulo Freire, ao descrever o processo de alfabetização de jovens e adultos a partir do *Círculos de cultura* (2011), também nos convida a repensar sobre os processos educativos baseados na verbosidade, que não comunicam porque não implicam na inserção da realidade. O gosto pela palavra implica na intimidade, em que as sujeitas/os do processo antes de ler a palavra, a sente por fazer parte do seu mundo-realidade-de-significados.

Na epígrafe dessa carta, o discurso de Sojourner Truth, proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron (EUA, 1851), já nos convidava a repensar o gosto das palavras a partir da ampliação do termo "humano" e do reconhecimento da diversidade de mulheres, bem como questionava a equidade de direitos com os homens inviabilizada pelo discurso da fragilidade feminina. Sojourner questiona: "E eu não sou mulher?", pois a descrição ali apresentada, que tem como modelo a mulher branca, frágil, débil e objetificada pela vinculação a presença do masculino e marido para existir, não a representa e nem representa a maioria das suas, que fazem do seu corpo, seu cotidiano e seus fazeres modos de anunciar-se ao mundo.

Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher?

Se biologicamente somos humanos, se é pelas relações sociais que produzimos as diferenças, se o reconhecimento das diversidades é relacional, é a partir dessas implicações que Sojourner Truth chama para a escuta das muitas mulheres-humanas, a fim de estabelecer as categorias-palavras a partir de outras experiências e vivências, considerando a diversidade de humanidades envolvidos no agenciamento do direito.

Não podemos esquecer que foi com uma Carta que em 1945 na Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional, se anunciava ao mundo o fim da segunda guerra mundial e os acordos entre “*nós, povos das nações*” baseada na “*fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres*”. Tais nações, entre as quais se encontra o Brasil, acordavam em fomentar uma legislação e políticas públicas internas que viabilizasse a *efetividade de direitos*. É importante ressaltar aqui, que não desqualificamos a importância dos “tratos” e da legalização dos direitos, até porque entendemos que não fazem parte do rol de concessões da “nação”, pois foram custeadas e construídas por um cenário de conflitos e negociações de quem se anuncia e reivindica o direito social tendo sua palavra como referência para o direito de existir.

Dentre as políticas públicas, vale destacar as que se destinam aos processos educativos e formativos. Na BNCC/2017, por exemplo, a categoria de direitos humanos aparece de forma tímida, embora traga encaminhamentos para fomentar as práticas pedagógicas e atividades escolares em que seja possível criar uma cultura de direitos humanos a partir da discussão de humanidade e dignidades das pessoas.

Entretanto, as lacunas intencionalmente deixadas pela palavra na Carta, dão abertura a diversas interpretações, e a que queremos discutir aqui é o direito de existir, já que o reconhecimento identitário parece preceder aos direitos fundamentais e sociais. Depois de anunciar a paz ao mundo, coloca-se em questionamento: quem pode ou não ser humano? E principalmente: quem determina quem é humano? O contexto pós-carta, as “nações amigas”, além de continuarem com o sistema de exploração nas suas colônias, ainda fomentaram os conflitos internos e guerras civis em ex-colônias em nome da dita igualdade e fraternidade. Que *humano* é esse que, ao ser desterritorializado do contexto-tempo ocidentalizado, deixa de ser direito universal?

As características do ser humano foram forjadas na palavra do Ocidente, na intencionalidade de classificar e hierarquizar a partir do humanismo europeu (FAUSTINO, 2013). O europeu impõe a referência do humano, atravessando-o com o discurso de civilidade e de modernidade como determinadores de lugar dentro das relações capitalistas estabelecidas. Assim, o conceito de civilização logo se atrela à separação entre a animalidade e a racionalidade, como a dita condição essencialista de ser humano (Fanon, 2008; Faustino, 2013).

Problema também questionado pelo autor e combatente martinicano, Frantz Fanon, na epígrafe desse texto, em que se vê diante da experiência do olhar da outricidade ao chegar ao contexto-tempo francês. Ao sair do convívio de ser Fanon-intelectual-humano em meio a outros martinicanos, se vê reduzido ao esquema epidérmico racial universalizado no contexto europeu.

Enclausurado a coisificação imposta, o espanto do menino “Mãe, um preto!...” reduz o autor a um corpo objetificado em meio a outros objetos, ao mesmo tempo em que tenta lançar para longe sua humanidade e consciência, aprisionando-o na zona de não-ser, “uma região extraordinariamente estéril e árida” (FANON, 2008, p. 26), além de instigar sobre os mecanismos usados para transmissão da noção de racialização apenas para o corpo preto, isentando a mãe e o menino a partir da sua branquitude e pertencimento geográfico.

O olhar da outricidade é apresentada por Frantz Fanon como o crivo do outro no reconhecimento da “negritude”, que, para ele, é a experiência vivida que questiona a estruturação do “ser” a partir da noção de ausência. Em Fanon, esse corpo que se coloca ao olhar; já se apresenta a partir de uma consciência de identidade e por isso de direitos, sem a necessidade de validação do outro.

A dialética que introduz a necessidade de um ponto de apoio para a minha liberdade expulsa-me de mim próprio. Ela rompe minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria (FANON, 2008, p. 122).

Já para o historiador brasileiro, Clóvis Moura (2019) a “zona de não-ser” pode ser entendida como mecanismos de barragem do ethos de rebeldia, alijando não só o “ser”, mas criando estrutura que funciona como a espinha dorsal da manutenção das desigualdades sociais no país, estruturando-as legalmente.

Para Clóvis Moura (2019), a barragem é a criação de uma legislação anestésica, que, embora tenha surgido com o discurso da proteção dos direitos, serviram, de fato, de controle sociais às formas de resistência às formas opressivas do escravismo pleno e tardio no Brasil.

No Brasil, as reivindicações, decorrentes das ações dos movimentos sociais e da redemocratização do país, reverberaram na mobilização e debates para repensar a Carta Magna de 1988. A proposta é do equacionamento dos direitos baseados em “todos são iguais perante a lei” trazendo mudanças significativas no discurso das relações, anteriormente; baseadas na “democracia racial”. Embora ainda traga na sua letra a concepção de tutela a quem se destina, não basta apenas ser, ainda tem que comprovar junto ao Estado a sua existência como forma de acesso ao direito.

Quem determina quem pode ser cidadão brasileiro? O registro determina a validação do ser a partir da identificação junto ao Estado? E quem não aparece nos dados construídos a partir de categorias apresentadas pelos órgãos responsáveis por definir a identidade de “todos os brasileiros”? A escuta e autodefinição não deveriam ser a prerrogativa de garantia dos direitos a partir da diversidades-humanidades? O ano é 2022, e não se espante pela expressividade no número de 1,3 milhão de quilombolas no cenário brasileiro. É que pela primeira vez a categoria foi usada na classificação identitária dos dados censitários.

Até parece que precisamos explicar o óbvio, a resistência e existência em um país que foi estruturado em séculos de um sistema escravagista. Esses dados não dizem só do fracasso da proposta de embranquecimento físico da população brasileira, mas descrevem a construção do imaginário social marcado pela aproximação com a noção de humano a partir do ideal e universal branco. E aqui não podemos deixar de interseccionar esses dados com classe e gênero, posto que, em uma das propostas pedagógicas que serão apresentadas, temos a história de Maria Anônima da Silva para tratar dessas/es brasileiras/os invisibilizados pelo imaginário social e negligenciados por um Estado que deveria garantir os direitos a partir da humanidade de “todos”.

A sugestão é de discutirmos autonarrativas, formas de saber-se e contar-se. Nesse sentido, Beatriz Nascimento também direciona a “história feita pelas suas mãos”, na circularidade da nossas palavras-histórias. “É tempo de falarmos de nós mesmos não como “contribuintes”, nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes dessa formação” (NASCIMENTO, 2021, p. 53).

Assim, as experiências aqui trazidas, seja através de autonarrativas nos produtos audiovisuais (documentários e podcast), seja nas personas apresentadas em jogos e/ou até mesmo nas sujeitas e sujeitos que estão na produção desses materiais, que de certa forma entrelaçam suas subjetividades à escuta sensível no processo para construção de um material educativo, enquanto anunciam identidades e experiências plurais, também contam a própria história. O objetivo é oferecer orientações metodológicas a partir de vídeos, jogos, filmes e outros materiais que possibilitem a implementação da educação em Direitos Humanos.

Cinema Nosso



Conectando experiências, transmitindo
“outras/nossas” narrativas

“O meu trabalho é voltado para conectar pessoas, minimizar barreiras sociais e a minha utopia é a igualdade social” (Mércia Brito)

“Durante a semana a gente trabalhava nas produtoras e nos fins de semana a gente se encontrava com as crianças (...) Criamos uma coisa informal de passar para elas aquilo que tínhamos aprendido” (Luís Lomenha)

“Produção de games como produção cultural. É uma forma de você poder falar sobre identidade, território...” (Anne Caroline)



Onde estamos?

Com sede na Lapa, região central do Rio de Janeiro

As experiência e trocas estabelecidas com o filme Cidade de Deus, em 2000, instigam a união de um grupo de jovens das periferias do Rio de Janeiro a transformar as narrativas do cinema brasileiro. O objetivo era propor um audiovisual como espaço para contar as próprias histórias, apresentando uma proposta de identidade mais próxima do cenário nacional, em que houvesse não só uma mudança na paleta de cores, mas apresentasse referências cotidianas, contribuindo para o processo de identificação e pertencimento a partir das suas próprias vivências. É com essa inquietação que nasce o Cinema Nosso e se transforma em uma instituição sociocultural com a missão de ampliar o universo estético e cultural através da formação audiovisual com inovação e novas tecnologias gerando impacto social. Desde então, vem desenvolvendo projetos para colaborar e promover a democratização do audiovisual para população periférica do Rio de Janeiro, com projetos como o Ginga, que proporciona aos seus alunos o contato com o audiovisual e as novas tecnologias atrelados aos Direitos Humanos.



Aula de Fotografia presencial de Fotografia no Museu Solar dos Mello, com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Macaé - Julia Gordiano Martins - 03/09/2022

// GINGA - INOVAR PARA TRANSFORMAR
Manual Educativo

Prezados/as/es

O **Projeto Ginga** é realizado pelo Cinema Nosso, que é uma instituição na qual crianças, jovens e adultos experimentam e aprendem sobre o audiovisual e as novas tecnologias. Essa instituição, ao longo dos seus 20 anos de existência se tornou um lugar de acolhimento e de afeto, transformando e mobilizando o social dos seus atendidos através da democratização do acesso ao audiovisual e às novas tecnologias, produzindo, no decorrer de cada formação, diversas narrativas nunca contadas ou pouco vistas pela classe dominante desses meios.

Esse projeto teve início no ano de 2021 e atende 03 municípios do estado do rio de Janeiro (Itaboraí, Macaé e Duque de Caxias), e visa, através das diferentes linhas de ações e formações em Cinema, Games, Cultura Digital e Comunicação e Direitos Humanos, ampliar o acesso de jovens a oportunidades de trabalho e renda no mercado audiovisual e de novas tecnologias junto do fortalecimento de uma cultura de respeito aos direitos humanos.

Esse manual de aplicação e metodologias produzido através do projeto Ginga, visa fomentar possibilidades de ação no campo escolar e não escolar para ampliação e defesa e conhecimento dos Direitos Humanos. Esse material é destinado a educadores, lideranças comunitárias, educadores populares ou qualquer outra pessoa que se proponha utilizar a educação como ferramenta de transformação e defesa dos Direitos Humanos.

O manual é direcionado para jovens de 10 a 14 anos, porém nada impede que depois das devidas adaptações o material não possa ser aplicado a diferentes realidades e idades. Essa produção dirige-se a oferecer orientações metodológicas a partir de vídeos, jogos, filmes e outros materiais que possibilitem a implementação da educação em Direitos Humanos. Todo material foi produzido pela equipe pedagógica atuante no projeto e alunos participantes do projeto Ginga.

O material produzido está dividido em 5 eixos temáticos, que são: introdução aos Direitos Humanos; Direito à vida é a dignidade; Direito à liberdade; Direito à segurança; Direito a repouso e lazer; Direito à privacidade; Direito à participação e Direito à instrução; a partir dos quais criaremos a interlocução com os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Acreditamos que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é instrumento essencial para construção de uma sociedade mais justa, e que pode ser abordado de diferentes formas no contexto educativo. Diante disso, esperamos que esse manual possa possibilitar a ampliação dos conhecimentos sobre os direitos humanos e não deixar dúvidas sobre todos sermos sujeitos de direitos.

Guia dos Ícones



ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Além da interação e da dinâmica dialógica, a estratégia visa discutir as temáticas trabalhadas no material (vídeo ou jogo), com a escuta de conhecimentos prévios, cotidiano e proposição de respostas e enfrentamento dos problemas apresentados.



CAMINHOS, NARRATIVAS E CONFLUÊNCIAS

Contextualização histórica e espacial das cidades onde foram realizadas o material. Dicas por QR code e/ou links que, possam ampliar as informações sobre o território.



AGORA É COM VOCÊ!

Questionamentos para serem desenvolvidas em grupos, interação, discussão e exploração do material



FIQUE LIGADO

Dicas de livros, filmes, vídeos, sites e outros recursos que trabalham com a temática apresentada no material para a realização de atividades interdisciplinares



SAIBA MAIS

Informações adicionais e curiosidades completares às temáticas apresentadas.



+ ATITUDE

Desenvolvimento de habilidades socioemocionais, práticas de relações humanas e exercício da cidadania.

Palavras

Linguagem do vivido

Dedicar uma seção às palavras contidas no material trabalhado não tem a pretensão de fechar as temáticas em um glossário, pois cairíamos na lógica de universalizar significados sem o devido cuidado editorial que repousa nas construções e interpretações locais. As palavras têm circularidade, assumem a dinâmica do vivido e das relações intergeracionais, comunicando, ainda, as referências cotidianas em que foram tecidas e anunciam os lugares de onde se fala. Assim, partimos de uma apresentação de temas gerais que podem ser discutidos e ampliados, levando em conta as vivências e narrativas individuais e os processos formativos coletivos.

Ancestralidade

Apresentada a partir da relação geracional de quem veio antes. Se reporta ao posicionamento e referência identitária para saber-se e dizer-se no presente. Vincula-se as categorias de memória e oralidade traduzindo e transmitindo presença mística e sagrada. Ancestralidade ainda descreve diferentes formas de organização social coletiva a partir de saberes e fazeres sintonizados com o ser, com o outro e o meio-natureza.

Racismo

Sistema de inferiorização e objetificação dos corpos a partir da classificação e hierarquização social (teorias, crenças e práticas, em que a lógica discursiva da coloração da pele cria estrutura social a partir de uma variedade de mecanismos de marginalização e exclusão, permeando diversos contextos-tempos com os episódios de racismo cotidiano (KILOMBA, 2019). Fenômenos que estão no campo social, como o racismo, destituem a humanidade de determinados grupos na relação com o Outro (FANON, 2008). No Brasil, o racismo (Lei 7.716/89) é crime inafiançável e imprescritível e, ao lado do crime de Injúria racial (Lei 14.523/23) prevê reclusão de 2 a 5 anos e multa.

Autonarrativa

Narrativa a partir de uma experiência pessoal. O contar-se como parte da consciência de si. É também chamada por Evaristo Conceição de escrevivência (2009) apresentando as histórias não contadas para dizer-se parte do processo histórico.

Identidade

A Identidade é transmitida a partir da autodefinição e construída na/pela memória coletiva e partilha de elementos materiais e simbólicos que legitimam o pertencimento cultural, territorial, político e ideológico. Nas narrativas aqui apresentadas, a identidade assume relações dialógicas de um retorno ancestral para um posicionamento enunciativo de anunciar-se no presente.

Palavras

Resistência

A Resistência é uma categoria que aparece nas narrativas associada à existência, A estratégias de manter-se diante da política de morte e da violência simbólica instituída a determinados grupos. No caso dos afrodescendentes, Achille Mbembe (2011) conceitua como necropolítica, a estruturação e institucionalização da submissão da vida e da legitimação da morte. As personagens apresentam experiências plurais de (re)existência, desde a exigência dos direitos sociais, recorrendo as políticas do Estado, até as organizações coletivas em projetos sociais de agenciamento identitário.

Ações Afirmativas

Ações afirmativas são políticas compensatórias das consequências históricas da instituição. No Brasil, são medidas reparadoras do colonialismo e escravização que se mantiveram pela lógica do capitalismo, patriarcado e racismo. A legislação está voltada para reparação na acessibilidade, principalmente, ao mercado de trabalho e à educação para determinados grupos sociais.

Diversidade

As categorias raciais (negro, preto, afrodescendente, branco, indígena), de gênero e classe aparecem como elementos da Diversidade social brasileira. As relações estabelecidas pelas trocas, conflitos e negociações entre a variedade de grupos étnicos propõem alternativas a (co)existência, bem como desmistificam a ideia de democracia racial.

Direitos Humanos

Direitos humanos implicam em uma legislação acionada diante das violações dos direitos básicos de ser como condição humana. As narrativas de **capacitismo, etarismo, violência de gênero, intolerância religiosa, e racismo** surgem na contramão da inviolabilidade dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Na Rota

das vozes, das gingas e das giras



 Duque de Caxias

 Itaboraí

 Macaé

Itaboraí

Na oficialidade dos dados, “os marcos” remontam à origem, em 1567, da extinta Vila de Santo Antônio de Sá ou Vila de Santo Antônio de Macacu.

Entre planície e serras, a suavidade do seu relevo vai se juntando aos municípios de Magé e Guapimirim às margens da Baía de Guanabara, territórios que “conservam” parte da história de um Brasil ancestral a partir dos sítios paleontológicos e dos cemitérios “indígenas” de Itambi e Visconde e os Sambaquis de Sambaetiba, descrevendo um cenário de organização do espaço a partir da exploração da mão-de-obra dos povos originários no desmatamento, plantio da cana-de-açúcar e na construção dos engenhos, sendo posteriormente substituída pelo sistema de escravização de africanos e afro-brasileiros.

Hoje, Itaboraí faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, com 224.276 habitantes (IBGE, 2022), e reúne, com 19 municípios fluminenses o segundo maior polo de riqueza nacional.

“É por isto e por muito mais, é porque foi meu berço, e berço daqueles a quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice que começa, e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é enfim por todos esses laços da vida e da morte que a Vila de Itaboraí me é tão querida.” (Trecho do livro do romancista Itaboraiense Joaquim Manoel de Macedo em Rio do Quarto (1869).



Maratona de Gravação da turma de Itaboraí. - João Tavares. - 09 de Setembro de 2022

Duque De Caxias

Localizada na Baixada Fluminense, o município faz alusão ao patrono do exército, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Nascido nessas terras em 1803, é conhecido pelo seu posicionamento de “pacificador. A geografia do município ainda favoreceu o desenvolvimento e escoamento da produção. Com uma população de 808.152 habitantes, fica próximo de algumas principais rodovias brasileiras, possuindo o maior parque industrial do estado.



Maratona de Gravação da turma de Cinema e Direitos Humanos.
Luiz Henrique Lopes de Oliveira - 30/07/2023

Macaé



Conhecida como “princesinha do mar” e capital do petróleo”, a origem não se direciona apenas aos significados e contradições no nome, mas revela as divergências no nomear. Se nomear é tomar posse, o ato desvela as intencionalidades de relacionar o território a uma imagem histórica e construir uma memória coletiva destoante do vivido. Na rota das vozes, nem sempre escritas, apontam os significados a partir de corruptela de “macaê”, entre os nativos “macaba doce”, o que diz sobre a caracterização natural pela presença da palmeira na região. Outras narrativas ainda associam ao termo “miquié”, pertencente aos grupos nativos Goitacá. A origem do termo comunica uma história do município anterior às primeiras tentativas de colonização no século XVI, como também diz sobre os povos que aqui resistiam, levando à desistência do donatário Pero de Góis em 1548. Sua “povoação” só acontece no século XVII como medida protetiva dos interesses do governador geral do Brasil, diante do contrabando de pau-brasil, abundante na região. Só em 1813 foi elevada à categoria de Vila de São João de Macahé, sendo, 33 anos depois, elevada à condição de cidade impulsionada pela descoberta do petróleo na região, nos anos de 1970, mudando o cenário econômico e demográfico.

Aula de Fotografia presencial de Fotografia na Escola Municipal Antonio Alves Vianna com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Itaboraí. – Vitoria Pinto de Paula – 20/08/2022

Produtos Audiovisuais

Os produtos em anexo foram desenvolvidos pelos alunos e pela instituição Cinema Nosso.

Destaque 1 Presença de facções limita o direito à cidade

"há diversas facções no município e os jovens acabam não transitando entre os bairros, acabam ficando mais em seu bairro de origem"

Destaque 2 Pouca oferta e poucos incentivos culturais

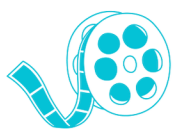
"Em Itaboraí faltam ações como essa (formação em Cinema), faltam mais ações e estímulos culturais"

Destaque 3 Intolerância religiosa em evento oficial

"Avisa aí para esses endemoniados de Itaboraí: o tempo da bagunça espiritual acabou, meu filho. A igreja está na rua! (...) E ainda digo mais: prepara para ver muito centro de umbanda sendo fechado na cidade!" (declaração de pastor convidado em evento oficial da Prefeitura de Itaboraí, maio de 2022)

Destaque 3 Intolerância religiosa em evento oficial

"Avisa aí para esses endemoniados de Itaboraí: o tempo da bagunça espiritual acabou, meu filho. A igreja está na rua! (...) E ainda digo mais: prepara para ver muito centro de umbanda sendo fechado na cidade!" (declaração de pastor convidado em evento oficial da Prefeitura de Itaboraí, maio de 2022)



Histórias em nota



Sebastião Lidugério de Paula, conhecido principalmente por seu trabalho como maestro, é apresentado neste filme como um mestre da música popular brasileira – e da vida. Inicia a autonarrativa a partir do retorno a sua ancestralidade, uma reivindicação de um passado de resistência ao sistema escravista para dizer-se no presente. O objetivo não é acionar as memórias da ausência para retroalimentar a ferida colonial, mas anunciar seu lugar de pertencimento em um tronco identitário e uma teia de transmissão geracional a partir dos avôs. Em uma experiência baseada nas práticas do cuidado, vai descrevendo o afeto como ato revolucionário diante do sistema escravista em que “os seus” foram vítimas. A liga geracional segue o fio a partir do pai, referência e responsável para que tenha os primeiros contatos com a música. Assim, em uma trajetória marcada pela passagem no exército durante o regime ditatorial “Foi ditadura sim e eu estava lá”, a atuação como professor em Minas Gerais traz na sua narrativa como as estruturas sociais vão condicionando quem faz da arte sua expressão de existir e compartilhar no Brasil. Grande incentivador dos festivais, fez da sua arte-vida-viva mecanismos de transmissão dos saberes e práticas educativas para “tocar” outras vidas.



Temáticas

M.P.B – Música popular brasileira
Festivais culturais
Mestras e mestres do saber
Saberes ervanários
Sistema escravista

Interdisciplinaridade

Música, Arte, História, Geografia e Sociologia
Educação Ambiental
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas
Ciências da natureza e suas tecnologias

Metodologia

Rodas de Conversa – conhecimentos prévios

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.

Maestro

No dicionário, maestro pode ser sinônimo de mestre, ou seja, aquele que possui o domínio de uma arte, ciência ou técnica. Na história de Sebastião de Paula, a relação com o termo mestre se configura com a trajetória em que a música foi arte e metodologia educacional de transmissão dos conhecimentos.



Saiba mais



Agora é com você

Conectando nossas vozes

- O bastiãozinho fazia igual você, tocava igual você toca? (Maestro D'Paula)
Veja a citação em o maestro D'Paula fala sobre as relações estabelecidas com os pais na transmissão dos saberes e relacione com a invocação da ancestralidade de Ailton Krenak em Futuro Ancestral (2022)

- Eu venho do ventre da noite, do escuro da terra, do lado que não tem luz (Maestro D'Paula).

Leitura e discussão da música, relacionando com o livro Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada, de Achille Mbembe (2010), para tratar dos processos de libertação do jugo colonial no Continente. Como, em diferentes contextos, são criadas respostas e resistências aos diferentes sistemas opressivos.

Para ampliar a conversa

- Rio de Janeiro, a MPB, os festivais culturais e a produção musical brasileira
- A identidade construída a partir do retorno ancestral;
- As referências (traços identitários e mestres e mestras do saber) usados para agenciar identidade e direitos;
- A música e o cinema como metodologias de transmissão e produção de conhecimento;
- O conceito de experiência vivida (FANON, 2008) como contranarrativa aos processos de negação e invisibilidade;
- Como os racismos e as desigualdades sociais, mecanismos do capitalismo, podem direcionar lugares sociais?
- Quais as respostas advindas do saber local como práticas educativas antirracistas?



CAMINHOS, NARRATIVAS E CONFLUÊNCIAS

- Grupo focal com moradores para mapeamento das mestres e mestres dos saberes de Itaboraí. (Música, Arte e saberes erivanários como (com)ciência do cuidado, da vida e das práticas educativas)



Sessão Cine Ginga - Thalita Helena - 05/09/2023



M.A.S Maria Anônima da Silva



Uma mulher grávida, fora das estatísticas e do acesso às políticas públicas destinadas à sua condição específica. Demonstra a realidade de muitos brasileiros; que, em condição de rua, perdem não só o direito habitacional, mas suas identidades. Torna-se mais um dos rostos invisíveis, tão presente no nosso cotidiano e distante do convívio. Vítima da violência da omissão, ainda ressalta os abusos sofridos pela lógica dos “cuidados, prevenção e proteção” aos cidadãos pelo Estado, vai fazendo a “limpeza das ruas” como forma de prestar serviços à sociedade. Mas quem é considerado cidadão brasileiro? O Estado que violenta é o mesmo em que os acessos aos serviços são barrados pelos mecanismos da burocracia e normatização.



Temáticas

Identidade
Saúde pública
Direito à habitação – propriedade
Políticas públicas
Patriarcado, misoginia e violência obstétrica

Interdisciplinaridade

História, Ciências naturais, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas
Ciências da natureza e suas tecnologias

Metodologia

Metodologia
Rodas de Conversa e redes de apoio e cuidado

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública



Fique Ligado

- [Mapa da Violência de Gênero no Brasil](#)
- MAPA DA VIOLÊNCIA 2015 HOMICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL (WASELFISZ, 2015).
- [Ipea - Atlas da Violencia v.2.7 - Mapa](#)



+ ATITUDE

“Uma ação, só uma ação”

“Quem é você, situação em que nem sou mais lembrada. Direitos que ficaram nos papéis. No olhar, a frieza. Um pão ali seria afago. Uma ação, só uma ação. Nas oportunidades que se tiveram poderia ter evitado um olhar que agora é perdido. E um olhar que jamais ser enxergado. Apagada como dígitos. Se pelo menos fosse números, ainda ficaria pelo menos o registro. Nem na memória se quer resta na falta de acolhimento daqueles que são de carne. A morte nos abraçou e dois corações não são mais ouvidos”.

- A citação é uma Autonarrativa de Maria Anônima. Quais e quantas Maria Anônimas fazem parte do seu convívio? Quais práticas e ações locais-comunidade são e/ou podem ser desenvolvidas como respostas na ausência “do direito”?
- Mapear áreas de maior vulnerabilidade social. Sugestão de ações a serem realizadas como respostas locais e projetos sociais no enfrentamento do problema. Organização de redes de apoio e cuidado.



Agora é com você

“Quem é você, situação em que nem sou mais lembrada ... No olhar a Frieza”

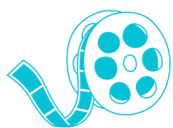
- Discussão de identidade, memória e ancestralidade a partir da relação entre as implicações levantadas na história e autonarrativa de M. A. S com o Conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo (2016).

“Apagada como dígitos. Se pelo menos fosse números, ainda ficaria pelo menos o registro”

- Quem é você? Identidade é prerrogativa do direito? Suas referências identitárias e a relação com os dados censitários considerando formas de acesso ao direito. Discussão a partir do conceito de comunidades e identidade de Sobunfu Somé (2003).
- Quem é o Estado que viola e violenta? Mecanismos usados na violação e ausência do direito. Relacionar com Maria Sueli Rodrigues (2021) em Vivências Constituintes: Sujeitos desconstitucionalizados.



Maratona de Gravação da turma de Cinema e Direitos Humanos. Luiz Henrique Lopes de Oliveira, Jordana de Carvalho Fernandes Pinto e Maria Eduarda Ramos Teles - 30/07/2023



Afinal, quem é o Diabo?



Karla é uma jovem afrodescendente, cristã, atuante de uma igreja neopentecostal no Brasil. Em uma visita a biblioteca local, entre as sensações de presença e o estranhamento diante do encontro com o livro “Èsù”, é instigada à leitura. Com a imersão no conhecimento de outras expressões religiosas, vai se distanciando do grupo dos amigos da igreja e dos posicionamentos que estes manifestam sobre outras divindades, o que gera uma discussão sobre religiosidades e intolerância em uma das reuniões na sua casa. A narrativa mostra que o conhecimento não só liberta de um imaginário social carregado de estereótipos como forma de subjugar outras culturas, mas amplia as formas de conectar com o divino, com sua própria história e essência. O medo de ser ou não aceita como uma mulher de axé, a prudência diante de um cenário que invade e destrói terreiros, o receio de um discurso que oprime manifestações religiosas no Brasil, faz com que determinados grupos se manifestem no distanciamento e no silêncio. É com o apoio de uma das amigas; que a jovem percebe que a coexistência e respeito de um “Estado laico” é alternativa diante do quadro de intolerância no país. Encerra o enredo; com lições de acolhimento e cuidado para as relações de bem (con)viver.



Temáticas

Espiritualidade, religiões afro-brasileiras
Ancestralidade
Corpo – sentir/pensar
Divindades e sacralidade
Intolerância religiosa
Amizade – relações e acolhimento
Liberdade

Interdisciplinaridade

História, Língua Portuguesa, Arte, Geografia,
Sociologia, Ensino religioso
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas
Ciências da natureza e suas tecnologias

Metodologia

Rodas de Conversa e oficinas de letramento racial

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública



Agora é com você

“Caminho com Exu bem antes do diabo existir”

- O diabo é criação de quem? Ver a relação entre cristandade, cristianismo como foram utilizadas nas relações de poder - Discussão de Ramón Grosfoguel (2013)
- “Usamos branco, zelamos por nossa cultura, zelamos por nossos ancestrais”. Conhecimento da História e relação com divindades, outras formas de religiosidades no Brasil.



Fique Ligado

Ô, com licença
Ô, com licença
Entre tambores e gungas

Ai, ai, ai
Venho pedir sua bênção
(Cântico de Reinado)

- Trabalhar em Língua Portuguesa e Arte formas de manifestação da religiosidade (cânticos, poesias, rituais)

Ancestralidade, a sacralidade da existência – texto de Leda Martins (2021) – trabalhar a relação corpo, as poéticas do corpo e ligação com o sagrado, ornamentos dos corpos em rituais, concepções de corpo e do corpo feminino em diferentes religiosidades.

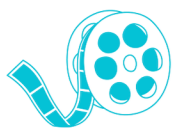
Religiosidade, saberes ervanários e práticas do cuidado e da cura.

Para ampliar a conversa

- Quais sentimentos e sensações nosso corpo é capaz de experimentar ao se deparar com o “novo”? Quais as intencionalidades do imaginário social (criado dentro e para as relações de poder) em dissociar o corpo como unidade sincrônica entre o sentir e o pensar?
- O que é o cristianismo para além das igrejas neopentecostais hoje no Brasil? Como os cristãos atuaram e se relacionaram com determinados povos ao longo da História colonialista e imperialista europeia?
- O conhecimento como prática da liberdade – Paulo Freire (2011)

Maratona de Gravação da turma de Cinema e Direitos Humanos de Itaboraí.
Lucas Henrique de Souza Nascimento e Douglas Machado Fidelis Sobrinho – 09 e 11 de setembro.





Rodovia Amaral Peixoto



O amanhecer no espaço urbano, adormece a calmaria e vai lembrando a quem a vida precisa seguir o ritmo cotidiano. Assim, uma mulher madura inicia sua rotina de trabalho aos primeiros raios de sol, em um contexto de trabalho que o discurso machista e patriarcal criou como profissão masculinizada. Dirigir um ônibus é guiar a própria vida em uma sociedade que normalizou como não-lugar. Outras/os sujeitas/os vão aparecendo, ocupando o espaço público e transporte coletivo, entrecruzando narrativa e “enredando” histórias no trajeto em uma rodovia. A circularidade de pessoas e a impessoalidade da correria cidadã; anuviam a ausência de políticas públicas específicas diante da diversidade do tecido social: é o catador de reciclados e o direito ao trabalho; os irmãos Cosme e Damião e o direito a educação; a estudante e o direito à proteção, de ser mulher diante da violência de gênero e da violência sexual.



Temáticas

Mobilidade Urbana e gentrificação
Transporte Público
Misoginia – violência de gênero e violência sexual
Subalternizados

Interdisciplinaridade

Geografia, História, Ciências naturais
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Rodas de Conversa e oficinas pedagógicas

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública

+ ATITUDE

“Hoje não”

- Criação de redes de apoio e cuidado com a mulher e com o feminino diante da misoginia.
- Informação em canais de comunicação e apoio diante da violação dos direitos





Agora é com você

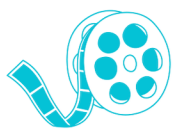
- Quem são os “subalternos” e os “condenados” do mundo e como a lógica da produtividade imposta pelo capitalismo opera na violação dos seus direitos? Relacionar com os textos de Frantz Fanon, Os Condenados da Terra, e de Gayatri Spivak, Pode o subalterno falar?
- A mulher como ser-que-não-pode-ser. Ver livro da Sueli Carneiro, Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser

Para ampliar a conversa

- Capitalismo, Desenvolvimento, progresso, mobilidade urbana e gentrificação;
- Quem é Cosme e Damião na religiosidade e a relação com a venda de doces?
- Vulnerabilidades sociais e o direito aos espaços públicos;
- Em quais espaços a mulher está segura?

Aula de Fotografia presencial de Fotografia no Museu Solar dos Mello, com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Macaé Líbni Silva Santos, Victor Lima, Beatriz Fernandes Machado Gomes, Julia Gordiano Martins - 03/09/2022





F.R.A.G.M.E.N.T.O.S



Em um diálogo por redes sociais, dois jovens relatam o emaranhado de sentimentos que destoam do ritmo dos seus pensamentos. Na terapia, relata as experiências da confusão, muitas vezes, tomadas por um discurso social com associação com a espiritualidade. Durante o enredo, o medo, a raiva, a tristeza e a alegria protagonizam uma discussão e assumem a narrativa para si. O jovem sente dificuldade em conciliar os sentimentos diante das experiências de violências. O racismo cotidiano, nem sempre identificado no ato, torna a criação de respostas e mecanismos de resistência em dores-confusão a posteriori, o que provoca, na vítima, uma angústia e confusão sentimental, logo depois da consciência de ter sofrido racismo. A arte aparece como possibilidade de se encontrar, se pertencer, sentir-se e tornar-se diante do desejo de não ser refém da imposição de padrão de ser.



Temáticas

Saúde mental da população afro-brasileira
Pensar-sentir e a confusão SENTImental
Racismo – síndrome (Frantz Fanon, 1969)
Agressividade – violência
Homofobia? Classismo?

Interdisciplinaridade

Geografia, História, Ciências naturais, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas
Ciências da natureza e suas tecnologias

Metodologia

Oficina – atividades reflexivas e recursos multiletramentos

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública



Fique Ligado

- [Impacto do racismo na saúde mental](#) – relacionar as taxas de homicídio, desemprego e suicídio (IBGE/2022 e Ministério da saúde)
- Dados da violência em Duque de Caxias, projetos sociais e políticas públicas – relacionar com a saúde mental. [Comissão de Segurança – Violência em Duque de Caxias – YouTube](#)



Agora é com você

- _ *Que há, meu amigo?*
- _ *Vou morrer, senhor doutor*
- A voz sumida, imperceptível*
- _ *Onde é que te dói?*
- _ *Dói-me tudo, senhor doutor*

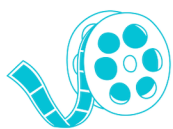
- O trecho do texto *Em defesa da Revolução Africana* (1969) é usado por Frantz Fanon para discutir o síndrome norte-africano, Síndrome como dores funcionais, a dor como linguagem e expressão do/de ser. Discussão a partir da relação entre racismo, preconceitos, classismo, homofobia e a saúde físico-mental.
- Saúde mental da população afrodescendente e os difíceis diagnósticos diante da dificuldade de identificar o racismo cotidiano (KILOMBA, 2019).

Para ampliar a conversa

- A agressividade e violência como processo revolucionário de construção de homem novo (preferimos o uso de humano) e de um mundo novo. Ver *Condenados da Terra* de Frantz Fanon e *Memórias da plantação* de Grada Kilomba.
- O afrodescendente e o imaginário reducionista da emoção, agressividade e animalidade (confusão SENTimental). Ver texto para discussão de Deivison Faustino (2013) *A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do "Ser" negro*
- Arte como sensível, mercado de trabalho e ascensão social – profissões e expressões culturais a partir da divisão binária (masculino e feminino), status, credenciais e ascensão financeira.



Maratona de Gravação da turma de Cinema e Direitos Humanos.
Laura Bernardo Alves conceição - 30/07/2023



Marcos Yamazaki



A autonarrativa de Marcos Yamazaki imbrica a história da cidade a partir das manifestações culturais como parte das suas vivências, incluindo-se como sujeito da/na história local. Reconhecer-se como protagonista do processo, além de anunciar a pertença a um lugar, também direciona os elementos étnicos e culturais que compõem a sua identidade “por ser roqueiro e por ser negro também”. O recorte temporal, se inicia a partir da década de 1990, período em que o músico faz a transição da igreja (“eu era cristão”) para o rock. Yamazaki também relaciona o rock às mudanças comportamentais, de uma adolescência “mais agressiva” à sensibilidade de quem tem na arte sua referência identitária e comportamental. Enquanto apresenta as características do estilo musical constituído com referências do Blues e do Jazz, também vai descrevendo os lugares que assumem a identidade do rock na cidade. Para ele, o corpo, vestimenta, cabelos e a relação com os games também são características que precisam ser citadas quando o assunto é rock.



Temáticas

Manifestações artísticas e culturais locais
Corpo e comportamento – elementos identitários do rock
Autonarrativa, protagonismo e sujeitos históricos
Pertencimento
Estilos musicais – Blues, jazz e rock e a história e Cultura afro-americana

Interdisciplinaridade

Música, Arte, Geografia, História, Ciências naturais, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Cartografia das manifestações culturais locais;
Rodas de conversa;
Oficinas de música.

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública.



Fique Ligado

- [Duque de Caxias | Mapa de Cultura RJ](#) – Manifestações culturais em Duque de Caxias-RJ
- [Você sabia que foi uma mulher negra que criou “Rock N’Roll”?](#) História do Rock e a relação com os movimentos afro-americanos
- [Ludopedia | Fórum | A história por trás de OVERDRIVE: A Batalha do Rock | Overdrive](#)
- Filme Somos tão jovens – [Dispinível no youtube.](#)



Agora é com você

“Esse documentário tem o intuito de ampliar o conhecimento de manifestações artísticas e culturais em Duque de Caxias, abordando a diversidade artística na cidade como ponto de partida o meu depoimento”.

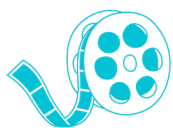
- Cartografia das manifestações artísticas e discussão dos elementos culturais que compõem a identidade do lugar
- Sujeitas e sujeitos da história local e a visibilidade diante de artistas consagrados no cenário nacional (investimento local e projetos culturais)

Para ampliar a conversa

- A linguagem corporal e comportamental dos roqueiros como elementos construtores da identidade de um estilo musical
- A cultura de games e a linguagem dos jogos como mecanismos de transmissão de elementos artísticos e culturais



Exibição do longa-metragem "O Rio do desejo" com participação do produtor Rodrigo Castellar no Cinema Nosso. - 20/03/2023



Sob o mesmo sol?



Gabriel e Bruno protagonizam diferentes perspectivas de vida sob o mesmo contexto-tempo. Enquanto o primeiro tem um olhar otimista, mesmo diante das suas limitações físicas, para o segundo, os mesmos dias parecem sempre nebulosos, tudo é motivo para reclamações e descontentamento. Sob qual versão e perspectiva da vida vamos condicionando o olhar sobre a realidade? Sob quais sentimentos e sensações repousamos nossas narrativas e experiências? Acreditar e desenvolver possibilidades de transpor as barreiras, os limites do corpo pela mente, é a dose diária de energia a cada amanhecer para Gabriel. O otimista encontra soluções, aciona possibilidades para os problemas, vai construindo uma narrativa do possível mesmo diante das barreiras, que no enredo, não se mostram somente físicas, mas discursivas com o capacitismo expresso pelo vizinho. O pessimista cria os problemas sem enxergar as alternativas. A trilha sonora acompanha as mudanças na fotografia e iluminação, dando sons e tons aos enredos, transmitindo os diferentes processos de construção de subjetividades.



Temáticas

Diferença, subjetividade e diversidade;
Capacitismo;
Acessibilidade e mobilidade urbana;
Direito à cidade, à escola e Inclusão.

Interdisciplinaridade

Geografia, História, Sociologia;
BNCC: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Rodas de conversa;
Oficina - atividades reflexivas e recursos;
multiletramentos;

Público-alvo

Estudantes: Ensino Fundamental, últimos anos, Ensino Médio e primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública.

+ ATITUDE

Ir, estar e volta: Quem tem direito à cidade?

- Cartografar à cidade de Macaé, observando a mobilidade da cidade. Apresentar resultados e discutir com grupos sociais as possibilidades de mudanças. Organizar audiência pública junto a câmara de vereadores.





Agora é com você

- _Nossa, achei que você era normal
- _Coitado
- _Tem gente em situação pior que você.
- _Que legal ter pessoas como você aqui

- O discurso da normalidade e o capacitismo estrutural. Análise e discussão dos espaços da escola e da cidade. Mudanças, acessibilidade e inclusão

Fique Ligado



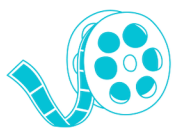
- [LEI Nº 13.146, de 06 DE julho de 2015](#). - Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência (estatuto da Pessoa com Deficiência)
- [Diversidade e Inclusão: Rompendo barreiras e capacitismo | InformaSUS-UFSCar](#)

Para ampliar a conversa

- Mentalidade capacitista, organização social e barreiras de exclusão: como transformar esse panorama?
- Diversidade, diferença e subjetividades: suas formas de ser, estar e se relacionar com o outro e com o mundo



foto 1: Rayssa Pereira da Silva – foto 2: Marco Bittencourt, Beatriz Nobrega e Leticia Santos foto 3: Thaynara Mendes



O grão de café



A mãe dá uma pausa na leitura do livro *Becos da Memória* para a escuta atenta das inquietações do filho sobre os episódios de racismo sofridos no cotidiano. O diálogo iniciado logo cedinho, acompanha o ritmo do preparo do café da manhã. O processo manual de tora e moagem do grão do café, aciona memórias e embala as narrativas em torno do avô. Os ensinamentos metafóricos a partir da trajetória do grão, traduzem as relações transgeracionais e a transmissão dos saberes do avô a partir da sua história e essência, além de direcionar ao tripé memória, oralidade e ancestralidade, relação necessária na consciência de si

Temáticas



Ancestralidade, memória e oralidade;
Identidade;
Diáspora;
Racismo;
Escrivência – História, narrativas e protagonismo.

Interdisciplinaridade

Geografia, História, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Rodas de conversa
Oficina – atividades reflexivas e recursos multiletramentos

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.

Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública

Agora é com você



Uma análise comparativa entre Becos da Memória de Conceição Evaristo e Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus.

- A organização social e comunitária, enfrentamentos e resistências em espaços periféricos;
- Narrativas e as metodologias usadas para descrever, caracterizar e transmitir o cotidiano vivido como contação da própria história.



Fique Ligado

- [Becos da Memória – A força da memória para pensar o passado e o presente.](#)
- Mulheres negras periféricas, escrituragem e protagonismo no contexto do Rio de Janeiro. Além das duas obras anteriormente citadas, relacionar com a dissertação de Mestrado (2021) de Mércia Brito, Jornadas de mulheres de origem periférica que lideram instituições da economia social (IES)

Para ampliar a conversa

- A memória como metodologia de retornos e relações ancestrais para saber-se e dizer-se no presente-futuro;
- Quais os mecanismos que usamos para acessar a ancestralidade?
- Identidade e interseccionalidade
- Diásporas e a linguagem das trocas como resistência e transmissão cultural. Discussão a partir do livro O atlântico negro de Paul Gilroy (2012)



Maratona de Gravação da turma de Cinema e Direitos Humanos de Duque de Caxias. Gustavo Roger de Jesus Cunha - 30/07/2023



Pedra bonita



Uma mulher afrodescendente prepara a mesa de café da manhã, enquanto determinados símbolos da sua ancestralidade – referências identitárias, vão compondo a narrativa imagética. Mesa posta, sua irmã já a espera para mais conversa. O diálogo se volta para as histórias em torno de um “humanoide”. Os casos vão sendo apresentados em tornos de diferentes contatos e experiências com a criatura, entre as quais uma que se dá pela expulsão de garimpeiros da região. As memórias também se ligam às narrativas da mãe, que contava os casos sobre ele na região, apresentado como uma entidade protetora, guardião do território. Já no quintal da casa, o diálogo continua, e o humanoide aparece e entrega uma pedra para uma delas.



Temáticas

Territorialidade
Identidade
Saberes ancestrais – religiosidade
Memórias – narrativas
Resistência
Direito à terra

Interdisciplinaridade

História, Geografia, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Rodas de saberes
Oficina – atividades reflexivas e recursos multiletramentos

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.

Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública



Agora é com você

Territorialidade no Brasil, mutações do conceito e a construção do direito a partir de significados traduzidos nos territórios sociais, resistência e identidade

- ser e ter o território, o direito entre a legislação e a herança do lembrar. Discussão sobre o direito a “Pedra bonita”, relação com a terra a partir das narrativas ancestrais.
- Ampliar a discussão a partir do art. 2º do decreto nº 4.887/03
- O “humanoide”, a proteção à terra e o conceito de corpo território, conhecimentos cíclicos das cartografias geográficas e sociais



Fique Ligado

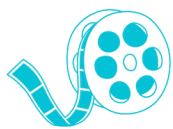
- Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang, de Jandaíra Belino Padilha e Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230567>
- O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane (2008): a mulher do régulo, narrativas, contos de origem e a escrita do avesso

Para ampliar a conversa

- Discutir a relação entre a transmissão de saberes, retornos ancestrais e constituição da territorialidade
- A memória e oralidade como elementos na permanência das fronteiras dos territórios sagrados
- Entidades (“humanóide”) como guardiões dos saberes, do sagrado e do território. Quem são os humanoides nas comunidades que fazem parte?



Aula de Fotografia presencial de Fotografia no Museu Solar dos Mellos, com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Macaé Rodrigo Flôres de Souza - 03/09/2022



Nossas vozes, nossos direitos



Não é novidade a indicação de vídeos para ampliação de uma temática em sala. A ideia de conectar pelo audiovisual se tornou uma ferramenta complementar, tornando as aulas mais atrativas com a presença de outras narrativas na discussão da realidade. A tecnologia tem contribuído em outras maneiras de conceber a aprendizagem, além da proximidade com os diferentes contextos-tempos. Na Base Comum Curricular (BNCC, 2017) o processo de ensino-aprendizagem deve ser pensado a partir de diferentes linguagens (verbal, corporal, visual e sonora). Quando apresenta as competências de linguagem a serem trabalhadas no Ensino Fundamental, o BNCC traz como 6ª competência a digital: “compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas áreas práticas sociais (incluindo as escolares)” (BNCC, 2017, p.65).



Temáticas

Introdução: O que são direitos humanos?
Direito à vida e à dignidade
Direito à liberdade: de pensamento, de consciência e Religião. De opinião e expressão, de locomoção, de Reunião e associação
Direito à segurança (Direito à justiça)
Direito ao repouso as lazer
Direito à privacidade
Direito à participação
Direito à instituição

Interdisciplinaridade

História, Geografia, Sociologia
BNCC: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Metodologia

Material: 8 vídeos educativos em Direitos humanos
Rodas de saberes
Oficina - atividades reflexivas e recursos multiletramentos

Público-alvo

Estudantes - Ensino Fundamental - últimos anos.
Ensino Médio - primeiros anos.

Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública.





Agora é com você

Trabalhando com vídeos em sala de aula

- Sensibilização
Preparação para assistir o vídeo.
Instigar a curiosidade.
Usar palavras-chave e da relação com outras temáticas
Ambientação

- Ilustração
Antes – Na sensibilização, solicitar a construção imagética da temática
Durante – Conectar o estudante a contextos (reais e virtuais)
Depois – solicitar que eles ilustrem as aprendizagens e depois comparem com as criações do antes

- Conteúdo
Discussão dos principais pontos apresentados
Apresentação de alternativas as problemáticas
Trabalhar as diferentes linguagens propostas pela BNCC (verbal, corporal, visual e sonora)

Fique Ligado



- Introdução: O que são direitos humanos?
- Direito à vida e à dignidade
- Direito à liberdade: de pensamento, de consciência e
- Religião. De opinião e expressão, de locomoção, de
- Reunião e associação
- Direito à segurança (Direito à justiça)
- Direito a repouso e lazer
- Direito à privacidade
- Direito à participação
- Direito à instituição

Para ampliar a conversa

- Mobilidade: Acesso a outros lugares
- Acesso à Internet
- Liberdade de filmagem
- Direito à privacidade: leitura de mensagens, criação de memes de pessoas, compartilhamento de fotos. (Exemplos)
- Inovação, digital e inclusão



VOCÊS SABEM O QUE SÃO
OS DIREITOS HUMANOS?





Alimentando conversas: a FOME no país do AGRO



O estado que concentra o maior rebanho do Brasil, considerado a capital do agronegócio, é apresentado pela reportagem da TV Record como exemplo para a discussão da fome no país. O ano era 2021, ainda estávamos no contexto de Pandemia, enquanto os números aumentavam nas filas dos ossos para receberem doações de restos de alimentos. Em um país que é considerado como um dos maiores exportadores de alimentos do mundo, o então presidente afirma nas redes de comunicação que “falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal, não come bem, aí eu concordo. Agora passar fome, não. Uma disparidade não só na apresentação dos números entre o dito e o vivido, mas a sustentação da lógica da “economia não pode parar” como justificativa de um Estado que se isenta na aplicabilidade de Políticas Públicas em períodos de crise econômica e/ou sanitária. O Podcast traz alguns questionamentos sobre a volta do Brasil para o mapa da fome, com uma análise dos números diante do negacionismo que beneficia alguns segmentos da economia brasileira. Como os movimentos sociais se articulam e resistem diante da imposição de uma estrutura social e econômica articulada pela bancada ruralista? Quais alternativas criadas como respostas à política da fome e da morte no país? Por que um país com o potencial para a produção volta ao mapa da fome? Segundo o escritor Milton Santos, “Não é falta de alimento, nós decidimos que algumas pessoas não podem comer”.



Temáticas

Fome, miséria e insegurança alimentar
Produção e exportação de alimentos
Agricultura familiar e hortas comunitárias
Movimentos de trabalhadores rurais
Agronegócio e a bancada ruralista
Crimes ambientais e trabalho análogo a escravidão
Demarcação de terras, conflitos territoriais e marco temporal
Territorialidade e Povos originários e tradicionais

Interdisciplinaridade

Ciências, História, Geografia, Sociologia, Educação ambiental.
BNCC: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas, Ciências da natureza e suas tecnologias.

Metodologia

Rodas de saberes
Oficina - atividades reflexivas e recursos multiletramentos

Público-alvo

Estudantes - Ensino Fundamental - últimos anos.
Ensino Médio - primeiros anos.
Educadores/as e gestores/as escolares da rede pública



Agora é com você

Em 2021 a EMBRAPA registra os seguintes marcos: (Fonte: [Majores produtores mundiais de alimentos e a posição do Brasil \(terrainvestimentos.com.br\)](https://terrainvestimentos.com.br))

- Liderança mundial na exportação de soja (91 milhões de toneladas);
- Terceiro maior produtor de milho e feijão (105 milhões e 2,9 milhões de toneladas, respectivamente);
- Liderança mundial no açúcar (mais de um terço da produção mundial é brasileira);
- Maior exportador de carne bovina (2,5 milhões de toneladas).

“Alguém compra arroz para nós, alguém compra um leite? É fome, por favor, é fome” - [“É fome, por favor, é fome!”: Video mostra homem implorando por comida em Brasília \(uol.com.br\)](https://uol.com.br)

“Eu tentei descrever o que é fome e as pessoas não conseguiam compreender. Só consegue entender a fome quem já passou fome” (Entrevista do professor, pesquisador e intelectual Francis Boakari a Revista Revestrés em 2022 - [Aprendiz de Ubuntu - Entrevista - Revestrés \(revistarevestres.com.br\)](https://revistarevestres.com.br))

- Realizar uma análise comparativa sobre a fome no Brasil a partir das diferentes perspectivas e contexto-tempo dos multiletramentos acima
- Cartografar as políticas e respostas realizadas nas comunidades para combater a estruturação e institucionalização da fome no país.
- Como os movimentos sociais criam, transmitem e realizam letramento de resistência às políticas da fome, violência e morte nas periferias



Aula de fotografia e som presencial no Cinema Nosso, com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Duque de Caxias Luana da Silva Santos (ALUNA COM A BLUSA DO GINGA) e Marinara de Brito Santos - 01/09/2022



Jogos e educação



Nia, a jornada de uma jovem negra

Desenvolvido pela equipe do Cinema Nosso, o jogo de cartas NIA foi pensado para o público a partir dos 8 anos. Além da interatividade e entretenimento, traz uma proposta educativa de fomentar a luta antirracista e a implementação da lei 10.639/03 que versa pela História e cultura afro-brasileira. Através de mecânicas de jogo de cartas e construção de tabuleiro, o jogo para até 4 jogadores oferece um aprendizado divertido e colaborativo. O adversário não é representado pelos jogadores, mas sim pelo racismo enfrentado no dia a dia pela personagem que dá nome ao jogo, refletido nas cartas. A cada partida um dos players assume o papel de mestre e lê as cartas para os demais. A cada acerto ou erro os jogadores ganham ou não, respectivamente, as peças que compõem o caminho a ser construído para que Nia chegue até sua escola. Perde-se caso o número de peças de caminho se esgote antes do objetivo ser atingido. Cada partida tem cerca de 30 min.



Canindé: O poder do papel

O nome 'Canindé - o poder do papel' é uma homenagem à escritora e poeta brasileira Carolina Maria de Jesus, mais conhecida por seu livro Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada. Fez da sua travessia à resistência pelo escrito, da descrição no cotidiano o projeto antirracista e de protagonismo de contextos periféricos. Além da escritora e poeta, o jogo possui mais 74 cartas de heroínas entre as categorias de Ciência e Saúde, Esportes, Liderança, Literatura e Comunicação, Arte e Música. O jogo também possui 5 cartas personalizáveis nas quais a pessoa que as adquirir poderá incluir mulheres que a inspiram no seu cotidiano, tornando o jogo especial e único. Também existem os vilões da sociedade, com cartas que trazem dados informativos como, por exemplo, o Racismo na profissão. O jogo cooperativo, que foi produzido por jovens mulheres negras, tem os objetivos de lutar contra os vilões que são reais, a se inspirar em forças femininas e a ajudar a combater o racismo estrutural que pode passar despercebido pelo jogador(a) no seu dia a dia.



Jogos e educação



A brandura do “Cara dura”

O Jogo tem suas regras e mecânicas baseadas no jogo Werewolves of Miller’s Hollow. Este, por sua vez, é um jogo em que cada jogador desempenha um papel secreto. No nosso caso, os jogadores são divididos em dois grupos: Mulheres e Agressores. Há também um jogador-moderador que controla o fluxo do jogo. O jogo alterna entre fases de noite e dia. À noite, os Caras-Duras escolhem secretamente uma mulher para agredir. Durante o dia, a mulher que tiver sido violentada é revelada e está fora do jogo. Os restantes, em seguida, deliberam em julgamento um jogador que suspeita ser um Cara-Dura. O jogador escolhido é “preso”, e eliminado, revelando sua carta. Se todas as Mulheres foram agredidas, vence o time dos Caras-Duras. Se todos os agressores forem presos, vence o time das Mulheres.



Vamos fazer um jogo?

O jogo visa estimular a criatividade e a colaboração entre os alunos, utilizando a criação de histórias e ilustrações como ferramentas educativas. Dividido em etapas, o jogo proporcionará uma experiência dinâmica de aprendizado, incentivando a imaginação, o trabalho em equipe e o desenvolvimento de habilidades artísticas e narrativas.

Este jogo propicia um ambiente dinâmico e interativo para a aprendizagem. Ao dividir os alunos em grupos para a elaboração de histórias e criação de personagens por meio de cartas ilustradas, busca-se não apenas estimular a imaginação, mas também promover habilidades cruciais para o desenvolvimento educacional.

A versatilidade desse jogo permite sua integração em diversas disciplinas. Na Língua Portuguesa, ele fomenta a escrita criativa e a construção de narrativas coerentes. Nas Artes Visuais, estimula a expressão artística e o desenvolvimento da habilidade de desenho. Até mesmo em disciplinas como Matemática, possibilita a prática de conceitos numéricos, como a atribuição de valores às cartas conforme as diretrizes estabelecidas.





Temáticas

Antirracismo
Afrodescendência
Mulherismo afro-brasileiro
Resistência
Protagonismo e negritudes no Brasil
Contextos periféricos
Coletividades, feminino e redes de cuidado
Violência e racismo

Interdisciplinaridade

Ciências, História, Geografia, Sociologia,
Arte, música
BNCC: Linguagens e suas tecnologias,
Ciências Humanas e Sociais aplicadas
Ciências da natureza e suas tecnologias

Metodologia

Rodas de conversa
Jogos e atividades reflexivas

Público-alvo

Estudantes – Ensino Fundamental – últimos anos.
Ensino Médio – primeiros anos.

Agora é com você



“Não podemos deixar de mencionar essa mulher que alguns anos atrás foi pioneira, sentada na janela onde escrevia o cotidiano dela, de forma muito peculiar, com muitas dificuldades. Escrevia o cotidiano de sua favela, o cotidiano da sua luta! E sua narrativa que é incrível, que é estudada por muitos, que nos inspiram até hoje e que inspirou este jogo. Então, viva Carolina Maria de Jesus!”, comentário de Mércia Britto, diretora do Cinema Nosso sobre a referência para construção do jogo Canindé, o poder do papel.

Uma história feita por mãos negras (2021) e O negro visto por ele mesmo (2022) ambos de Beatriz Nascimento

- Realizar roda de conversa sobre as temáticas apresentadas nos jogos, discutindo sobre autoconhecimento, autonarrativas, protagonismo e negritudes no Brasil
- Discutir a partir dos percentuais afrodescendentes no país em disparidade com o protagonismo no cenário político, econômico e social brasileiro

Para ampliar a conversa

- Apresentar intelectuais afrodescendentes e suas obras – sensibilização antes da realização dos jogos
- Construção de histórias e narrativas a partir das personagens apresentadas nos jogos
- Gincanas em sala de aula com os jogos, para o desenvolvimento da comunicação, cooperação e negociações
- Oficinas reflexivas e construção de autonarrativas para letramento racial e construção de respostas ao racismo cotidiano
- Discutir a interseccionalidade dos dados do IPEA ([Ipea - Atlas da Violência v.2.7 - Mapa](#)), mostrando como os homicídios no Brasil têm cor, classe e gênero



Fique Ligado

- Filme Vista minha pele (Joel Zito Araújo & Dandara)
- Livro A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo (Tiaraju Pablo D'andrea)
- Ludopedia.com.br - Ludopedia - [Portal de jogos de tabuleiro](#)
- Dados que escancaram o racismo e as desigualdades no Brasil - [Home | Oxfam Brasil](#)



Tabuleiro do jogo Nia, a jornada de uma jovem negra.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRITO, Mércia. Jornadas e percursos de mulheres de origem periféricas que lideram instituições da economia social (IES).2021. Dissertação (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo) – Faculdade de Economia e Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2016.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 2008.
- FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. 1969. Em defesa da revolução africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.
- FAUTINO, Deivision. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “ser” negro. Revista tecnologia e sociedade, Curitiba, v.9, n. 18, 2013. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2629>.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Tradução: Cid Knipel Moreira. 2 ed. São Paulo: Edições 34, 2001.
- GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistémico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. O futuro é ancestral. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história escrita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCT/UnB, 2015.

- SOMÉ, Sobonfu. O abraço da comunidade. In: SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odyseus, 2003.
- SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. Vivências constituintes: sujeitos desconstitucionalizados. Teresina: Avant Garde, 2021

Fontes consultadas

- IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/>
- Comissão Interamericana de Direitos Humanos. "Situação dos direitos humanos no Brasil (OAS. Documentos oficiais; OEA/Ser.L/V/II, 2021).
- Cartografia Decolonial das Juventudes Negras e Periféricas da Baixada Fluminense (Fórum Grita Baixada Fluminense, 2019). Disponível em: https://dmjracial.com/wp-content/uploads/2020/02/cartografia-decolonial_versc3a3ofinal.pdf
- "Diagnóstico Socioterritorial". (Cidade Escola Aprendiz, online). Disponível em: <https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/diagnosticobairroescola/diagnostico-socioterritorial/>
- Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/330170>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/juventude/>
- Mapa dos Grupos Armados do Rio de Janeiro: <https://nev.prp.usp.br/mapa-dos-grupos-armados-do-rio-de-janeiro/>
- Pesquisa TIC Domicílios. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>

ORGANIZADORES

MÉRCIA BRITTO
NATALIA CAPANO

AUTORES.

SIMONI PORTELA
MÉRCIA BRITTO

IDENTIDADE VISUAL

NATÁLIA CAPANO

FOTOS

BEATRIZ NOBREGA
JOAO TAVARES
JOFSON NASCIMENTO
MARCO BITENCURT
NAYOMINI MOURA
PEDRO HENRIQUE MARQUES
SUZANA CORRÊA DE CASTRO

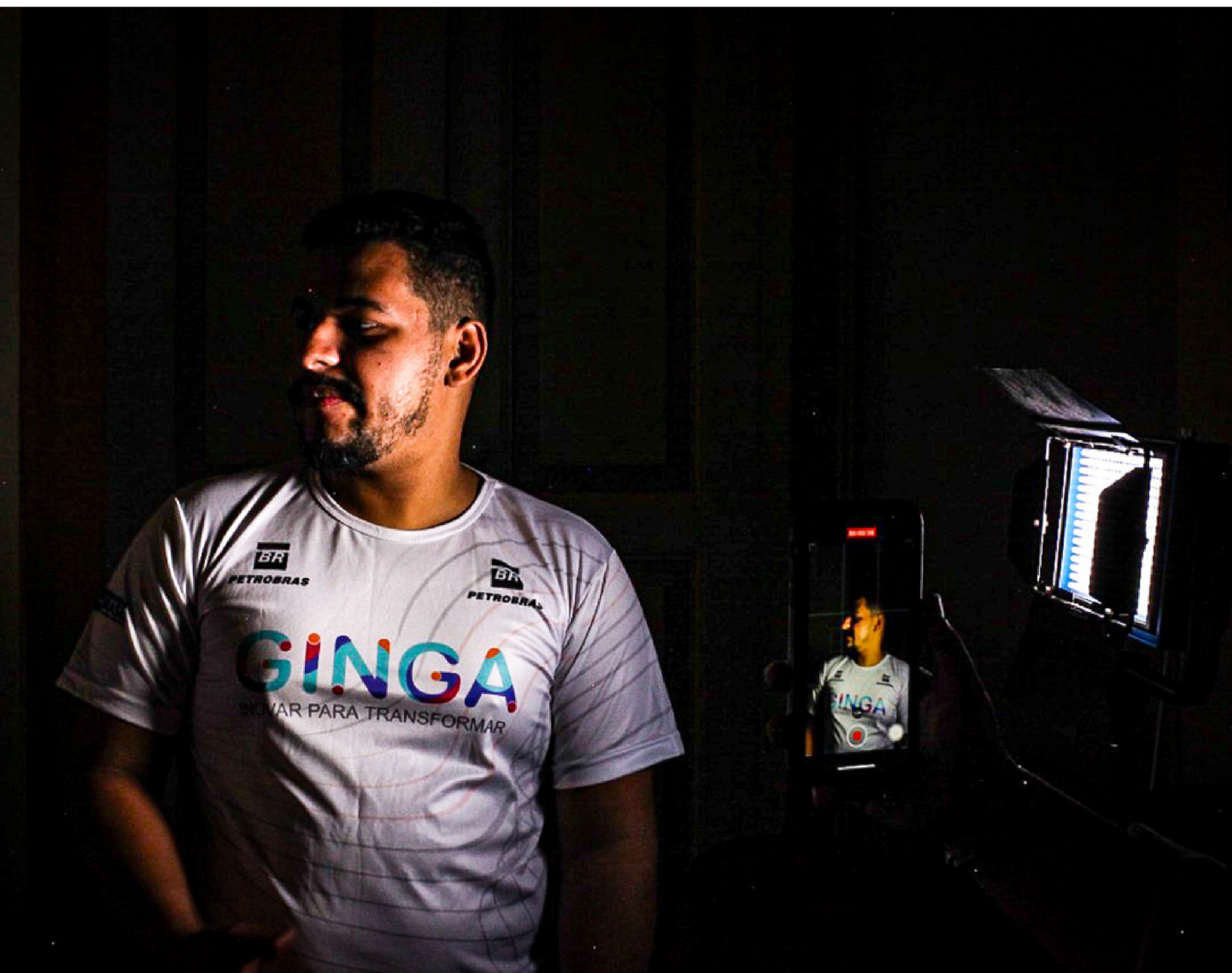
Equipe participante

EQUIPE COMPLETA

Amanda Vianna
Alex Nascimento
Beatriz Nobrega
Carolina Faria
Érica Calil
Fernanda Braga
Gabriela Gonçalves
Gabriela Reis
Guilherme Ferreira
Helena Cícero
Isabel Rodrigues
João Tavares
Jofson Nascimento
Julia Toranzo
Juliana Águida
Lais Muniz
Laiz Braga
Lenise Cardoso
Letícia Santos
Marco Aurélio Bittencourt
Marcella Pizolato
Maria Paula
Mariana de Moraes
Matheus Carvalho
Melissa Oliveira
Mércia Britto
Naionminy Moura
Natalia Capano
Natalia Stoco
Paula Germano
Pedro Henrique
Rafaela Baia
Ruan Shimoide
Sarah Nery
Saulo Silos
Suellen Costa
Thaynara Mendes
Thais Xavier
Thalyta Helena
Tiana Santos
Vanessa Diniz

EDUCADORES

Anna Gianelli
Beatriz Haugonte
Bia Marques
Bruno Fernandes
Camille Yasmin
Claudia Sardinha
Dani Serranú
Daniel Sant'anna
Denisson Gonçalves
Dodô Azevedo
Érica Calil
Jamela
João Leste
João Tavares
Juliana Águida
Keila Borges
Luiz Fernando Barbosa
Marcella Pizzolato
Natalia Petrutes
Nathan Alves
Nicole Rachid
Paloma Cordeiro
Paloma Cristina
Patrícia Vicentino
Pedro Amaro
Priscilla Thomazio
Rachel Araújo
Sarah Duarte
Sarah Nery
Saulo Silos
Sheyla Castro
Suellen Costa
Tayane Belém
Thaynara Mendes
Thais Xavier
Thiago Ribeiro
Valéria Monã
Victor Lima



Aula de Fotografia presencial de Fotografia no Museu Solar dos Mellos, com a turma de Cinema e Direitos Humanos de Macaé Ezequiel Prudente Bianna - 03/09/2022

Cinema Nosso

Cinema Nosso
Rua do Rezende, 80
(21)2505-3300

www.cinemanosso.org.br
projetos@cinemanosso.org.br
[@cinema_nosso](https://www.instagram.com/cinema_nosso)

// GINGA - INOVAR PARA TRANSFORMAR
Manual Educativo